



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO DE BACABAL – CCBA
COORDENAÇÃO DE LETRAS

CAMILA DIAS DA SILVA

**A JORNADA DE BILBO BOLSEIRO EM *O HOBBIT*: DO COMODISMO AO
DESPERTAR DO ESPÍRITO AVENTUREIRO**

BACABAL - MA

2023

CAMILA DIAS DA SILVA

**A JORNADA DE BILBO BOLSEIRO EM *O HOBBIT*: DO COMODISMO AO
DESPERTAR DO ESPÍRITO AVENTUREIRO.**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras/Português, da Universidade Federal do Maranhão, UFMA – Centro de Ciências de Bacabal - CCBA, Bacabal, como requisito obrigatório para o título de Graduada em Letras/Português.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Nonato Almeida de Abreu Silva

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Ricardo Nonato Almeida de Abreu Silva

UFMA

ORIENTADOR

Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira

UFMA

AVALIADOR INTERNO

Prof.^a Dr.^a Luziane de Souza Feitosa

UFMA

AVALIADOR INTERNO

BACABAL – MA

2023

DIAS DA SILVA, CAMILA.

A JORNADA DE BILBO BOLSEIRO EM O HOBBIT : DO COMODISMO
AO DESPERTAR DO ESPÍRITO AVENTUREIRO / CAMILA DIAS DA
SILVA. - 2023.

47 p.

Orientador(a): RICARDO NONATO ALMEIDA DE ABREU SILVA.
Curso de Letras - Português, Universidade Federal do
Maranhão, BACABAL - MA, 2023.

1. A jornada heroica. 2. Literatura infantojuvenil.
3. Mito. 4. O Hobbit. I. ALMEIDA DE ABREU SILVA,
RICARDO NONATO. II. Título.

Dedico esta monografia aos meus pais, Antonia e Josivan, em forma de agradecimento por todo o esforço e dedicação para que este momento fosse possível.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, em primeiro lugar, a Deus por toda a força que me concedeu para superar as dificuldades e obstáculos durante este longo caminho que é a graduação; sem Ele, esse momento não seria possível.

Agradeço aos meus pais, Antônia e Josivan, que são minha motivação diária, meu alicerce e força. Tenho a graça e a sorte de ter pais presentes em meus planos, que acreditam, apoiam e incentivam tudo o que faço. Durante os quatro anos de faculdade, eles foram o motivo que me fez enfrentar cada dificuldade que surgia, e, em um período de tantas incertezas e medos, foram meu refrigerio. Obrigada, pai e mãe, prometo honrar os esforços de vocês.

Agradeço à minha tia, Deuzamar e a minha parceira de estudos e irmã de coração, Dheyziane, por tudo que fizeram por mim enquanto estava longe de casa. Vocês representaram o cuidado de Deus em minha vida. Obrigada por todo carinho e por me receberem como família. Jamais serei capaz de agradecer o suficiente, por isso peço ao Senhor que as recompense e abençoe.

Agradeço à toda minha família, meus irmãos, primos (as), tios (as) e avós, por confiarem em mim, até mais do que mereço. Agradeço especialmente a meus tios, Josivaldo e Cleane, por todo apoio e cuidado que tiveram comigo durante um dos períodos mais difíceis que passei, que foi processo de adaptação à universidade.

Agradeço aos meus amigos e colegas de faculdade que trilharam comigo esse caminho tão desafiador que é a graduação. Não poderia deixar de citar os amigos de fora do âmbito acadêmico, que sempre estiveram presentes em minha vida. Estar rodeada de pessoas que incentivam e acreditam nos nossos sonhos é, sem dúvidas, uma das maiores riquezas que podemos ter; por graça, estive cercada dessas pessoas especiais que me ajudaram a chegar até aqui.

Por fim, agradeço ao meu orientador, professor Ricardo Nonato Almeida de Abreu Silva, ao professor orientador da disciplina *Pesquisa em Letras*, Rubenil da Silva Oliveira, e a todos professores da Universidade Federal do Maranhão que atuam no campus de Bacabal, por toda ajuda e conhecimentos compartilhados. Nesses quatro anos aprendi a amar ainda mais a literatura e a língua portuguesa. Cada aula, prova, trabalho, estágio e evento formaram a pessoa que sou hoje e isso ecoará em minha atuação profissional. Tenho muito orgulho de dizer que fiz parte da família UFMA e guardarei para sempre os ensinamentos que recebi. Obrigada!

Não existe triunfo sem perda. Não há vitória sem sofrimento. Não há liberdade sem sacrifício.

(J.R.R. Tolkien)

RESUMO

Bilbo Bolseiro, personagem do romance *O Hobbit*, de John Ronald ReueTolkien (2019), era um hobbit que prezava por conforto e tranquilidade, até o momento em que uma companhia de anões e um mago chamado Gandalf, aparecem em sua casa e o convocam para uma jornada que mudará completamente o rumo de sua vida. Ele passará por diversos desafios e enfrentará muitos inimigos até chegar a seu objetivo em terras muito distantes de seu lar. Com base nisso, o presente trabalho monográfico, que é de cunho bibliográfico, tem como objetivo central analisar a jornada de Bilbo Bolseiro, buscando compreender como os desafios enfrentados pelo herói durante sua jornada possibilitaram a mudança em sua personalidade, despertando seu espírito aventureiro. Para isso, recorreu-se aos estudos de Campbell (2007) acerca da jornada heroica, por ele denominada de monomito, além de outros autores que discutem sobre o mito, a literatura infantojuvenil e herói, a saber: Jung (2016), Carvalho (2015), Coelho (2000), Kothe (2000) e Olsen (2012). A partir da análise da obra, foi possível perceber que, através dos desafios enfrentados durante a jornada, o personagem sofre uma grande mudança; o herói renasce e sua visão acerca do mundo e de si mesmo muda completamente, deixando fluir o que antes reprimia: o espírito aventureiro, que estava adormecido em seu interior.

Palavras-chave: Literatura infantojuvenil. A jornada heroica. Mito. *O Hobbit*

ABSTRACT

Bilbo Baggins, a character in John Ronald Reuel Tolkien's (2019) novel *The Hobbit*, was a hobbit who always cherished comfort and tranquility, until the moment when a company of dwarves and a wizard named Gandalf appear in his house and summon him on a journey that will completely change the course of his life. He will go through several challenges and face many enemies until he reaches his goal in lands far away from his home. Based on this, the present monographic work, which is of a bibliographic nature, has as its central objective to analyze the journey of Bilbo Baggins, seeking to understand how the challenges faced by the hero during his journey enabled the change in his personality, awakening his adventurous spirit. For this, we resorted to the studies of Campbell (2007) about the heroic journey, which he called monomyth, as well as other authors who discuss the myth, children's literature and hero, namely: Jung (2016), Carvalho (2015), Coelho (2000), Kothe (2000) and Olsen (2012). From the analysis of the work, it was possible to perceive that, through the challenges faced during the journey, the character undergoes a great change; the hero is reborn and his view of the world and of himself changes completely, letting flow what he once renewed: the adventurous spirit, that was once dormant within.

Keywords: Youth literature. The heroic journey. Myth. *The Hobbit*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A LITERATURA INFANTOJUVENIL, O MITO E O HERÓI	13
1.1 A LITERATURA E O PÚBLICO INFANTOJUVENIL	14
1.2 O MITO E AS CONCEPÇÕES DE HERÓI	16
2 A JORNADA DO HERÓI BILBO BOLSEIRO	21
2.1 BILBO BOLSEIRO: “UM MODESTO HERÓP”	24
2.2 O CHAMADO À AVENTURA E O CRUZAMENTO DO LIMIAR.....	25
2.3 O CAMINHO DE PROVAS, O DESAFIO FINAL E O RETORNO PARA CASA.....	29
3 A RESSURREIÇÃO DO HERÓI E SUA NOVA VIDA	35
3.1 O PAPEL DOS DESAFIOS NO DESPERTAR ESPÍRITO AVENTUREIRO DO HOBBIT.....	36
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	47

INTRODUÇÃO

As histórias de heróis fizeram e ainda fazem parte da infância da maioria das pessoas. A maior parte dos adultos, se não todos, já ouviram, ou leram, quando crianças, uma narrativa contendo um herói que enfrenta os mais variados e difíceis desafios em busca de um bem maior. É o personagem que rouba a admiração do leitor; afinal, quem não admiraria o astuto Ulisses? Protagonista de Odisseia, o rei de Ítaca, que luta na guerra de Tróia e enfrenta inúmeros perigos em sua longa jornada de volta para casa. Ele é a representação do herói clássico, que é forte, corajoso e que é exemplo de virtude. Todavia, com o advento da modernidade e consequente mudança na literatura, surge um novo tipo de herói, que é aquele que possui fraquezas, vícios e está sujeito a erros

Apesar das mudanças ocorridas quanto a descrição do herói, a jornada que percorre para alcançar seus objetivos permanece a mesma. O personagem recebe um chamado que, inicialmente, pode recusar, encontra-se com seu mentor, faz a travessia entre o mundo comum e o sobrenatural, nesse último momento passa por testes e provações para enfim, receber sua recompensa; ele volta para casa, no entanto, já não é o mesmo de antes, pois a jornada que percorreu provoca uma “ressurreição”, conforme pontua o mitologista americano Joseph Campbell (2007), na obra *O herói de mil faces*. Um exemplo disso é Bilbo Bolseiro, herói do romance *O Hobbit*, de Tolkien (2019). O personagem enfrenta muitos desafios em sua missão junto ao mago Gandalf e um grupo de anões, e dela traz grandes aprendizados.

Em um papel, sobre a mesa de um escritório, John Ronald Ruel Tolkien iniciou o que viria a ser uma de suas mais aclamadas obras, *O Hobbit*¹, publicada pela primeira vez em 21 de setembro de 1937; no entanto, sabe-se que o processo de criação iniciou bem antes, por volta de 1929, conforme o próprio autor descreve em uma carta que escreveu a seu amigo, W.H. Auden em 1955. A história, antes da publicação, foi ganhando forma de maneira oral e despreziosa, carregando consigo o único propósito de divertir os filhos do autor; todavia, tomou grande proporção pouco tempo depois de ser publicado e tornou-se prelúdio a outras obras, como a trilogia *O Senhor dos Anéis*, que também é de autoria de Tolkien.

Um modesto herói, como o próprio autor descreve, Bilbo Bolseiro não queria nada além do comodismo de sua toca sob uma rocha; repudiava aventuras ou qualquer

¹ A obra *O Hobbit*, de J.R.R. Tolkien, foi traduzida para o português por Reinaldo José Lopes e publicada pela editora Happer Collins.

outra coisa que o fizesse “atrasar para o jantar”; todavia, aceita o chamado à missão e ao longo de sua jornada, prova a seus companheiros, e a si mesmo, seu potencial como aventureiro.

Pensando nisso, este trabalho tem como objetivo geral analisar a jornada do herói Bilbo Bolseiro, em *O Hobbit, e o papel dos desafios no despertar de seu espírito aventureiro*, levando em consideração a estrutura proposta por Campbell (2007) acerca da Jornada heroica. Os objetivos específicos traçados para chegar aos resultados esperados são: conhecer aspectos gerais acerca da jornada do herói a partir das matrizes do mito; relacionar a jornada de Bilbo com estudo do mito e com as concepções de herói; identificar as mudanças que ocorrem com o personagem dentro da narrativa e apontar as contribuições dos desafios da jornada para a mudança do herói. Assim, para a realização desta pesquisa, que é de cunho bibliográfico e qualitativa de natureza básica, foram realizadas leituras de livros e artigos sobre o mito, o herói, a jornada do herói e a literatura infantojuvenil, temas que, somados ao estudo da obra *O Hobbit*, de Tolkien (2019), possibilitou a concretização dos objetivos deste trabalho.

Esse momento de mudanças que o personagem passa, deixando seu mundo comum e embarcando em outro totalmente desconhecido e cheio de conflitos, pode levar o jovem leitor a refletir sobre seu próprio lugar no mundo e suas escolhas. Assim como para o personagem, o processo de adaptação ao “novo mundo” pode não ser confortável, mas torna-se necessário para a construção e lapidação de si mesmo. O tempo que Bilbo leva para adaptar-se ao universo mágico que lhe é apresentado, prepara o leitor para o que está por vir: dragões, magia, seres fantásticos; esses são elementos que não podem ser encontrados no mundo comum, e somente quem, com coragem, embarca na jornada rumo ao desconhecido, pode conhecer. Essa obra e estudo podem contribuir para esse momento de autoconhecimento e descobertas dessas fases tão complexas e desafiadoras que são a infância e juventude. Além disso, contribui para os estudos do mito e da jornada do herói, temas extremamente relevantes para o meio literário.

Desse modo, este trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro, há uma abordagem sobre a importância da literatura na infância e juventude, recorrendo a autores como Carvalho (2015) e Coelho (2000), que produziram trabalhos extremamente relevantes na área; essa abordagem fez-se necessária pelo fato de a obra trabalhada, *O Hobbit*, está inserida dentro do contexto infantojuvenil. No mesmo capítulo, serão abordadas as concepções de herói e a relação com o mito, enfatizando que o herói dos

dias atuais possui traços que podem ser encontrados nos heróis de histórias remotas; Campbell (2007) e Kothe (2000), são os autores que embasam essa última abordagem.

O segundo capítulo, apresenta a obra, *O Hobbit*; de J.R.R. Tolkien (2019) e o personagem, Bilbo Bolseiro, elementos de interesse deste trabalho. A abordagem vai desde o chamado à aventura feito ao pequeno hobbit, ao retorno para casa, após a finalização da missão. A teoria de Joseph Campbell (2007), apresentada no livro *O herói de mil faces*, foi utilizada neste capítulo e se estende até o terceiro, em que há a finalização da jornada do herói. Neste livro, que é uma de suas obras mais conhecidas, Campbell (2007) destaca todos os passos da jornada heroica, e alguns destes foram aplicados à jornada de Bilbo Bolseiro, o herói de *O Hobbit*.

Por fim, no terceiro e último capítulo, há a análise das mudanças ocorridas ao herói Bilbo Bolseiro dentro da narrativa e o papel dos desafios no despertar de seu espírito aventureiro, que antes, em meio a uma vida tranquila no Condado, lar de Bilbo, estava adormecido. Para esta análise, foram utilizados os estudos acerca da obra, presente no livro *Explorando o universo do Hobbit*, de Corey Olsen (2012), em que há vasto estudo sobre o objeto deste trabalho, *O Hobbit*.

1 A LITERATURA INFANTOJUVENIL, O MITO E O HERÓI

Para compreender a relação entre mito e herói, é necessário apresentar alguns pontos, como a relação entre a literatura e a infância/juventude, ressaltando a importância de se ter narrativas que colaborem para o amadurecimento do público infantojuvenil, já que a obra escolhida para este trabalho, *O Hobbit*, é destinada a ele. Diógenes Buenos Aires de Carvalho (2015) e Nelly Novaes Coelho (2000), serão a base utilizada para falar sobre o assunto. É importante ressaltar, que dentro deste trabalho, serão utilizados termos como “literatura para crianças”, “literatura infantil” e “literatura infantojuvenil”, que são mencionados pelos autores, para referir-se a uma única ideia: a literatura destinada a crianças e jovens

As crianças e jovens nem sempre tiveram espaço dentro da literatura, por isso, os autores Carvalho (2015) e Coelho (2000) abordam a relação entre literatura e infância ressaltando a importância de se construir narrativas que tenham como protagonistas o público infantojuvenil. Essas narrativas são muito importantes para essa fase de descobertas e formação de personalidade, pois podem ajudar na compreensão e administração dos conflitos que surgirão; por isso, Carvalho (2015) reforça a responsabilidade que o autor assume ao escrever para crianças e jovens.

O conceito de mito e jornada do herói também serão apresentados a partir dos estudos de Joseph Campbell (2007), teórico e mitologista americano. O autor é conhecido por possuir amplo estudo sobre os mitos; apresenta conceitos que levam a compreensão de que o mito não é coisa do passado, ao contrário disso, está presente nas narrativas modernas, repetindo os mesmos padrões de períodos remotos. Esses padrões que se repetem nas histórias, independente do período que está inserida, ele nomeou de jornada do herói, e reuniu os estudos acerca do tema em um livro intitulado *O herói de mil faces*, que é uma das bases teóricas deste trabalho.

Os heróis clássicos e os modernos podem ser diferentes quanto a personalidade, mas têm suas histórias aproximadas pelo mito. O teórico Flávio Kothe (2000), em *O herói*, aborda um pouco a respeito dos diversos tipos de herói, entre eles, o clássico grego, que geralmente, representa um exemplo a ser seguido. Já Christopher Vogler (1998), no livro, *A jornada do escritor*, de 1998, cita o herói moderno, evidenciando em seu texto, que sua jornada não deixa de ser menos desafiadora por ser moderna.

1.1 A LITERATURA E O PÚBLICO INFANTOJUVENIL

A infância e a juventude são os períodos em que mais há embarques em conhecimentos que depois virão a ser parte da biografia de cada pessoa ou, em outras palavras, comporão as concepções da vida adulta. Dessa maneira, a literatura possui papel fundamental, pois através dela, a criança e jovem têm acesso a universos inimagináveis, incontáveis aventuras e sensações únicas. Conhecem histórias envolvendo dragões, fadas, heróis, e, posteriormente compreendem os símbolos por detrás de cada uma. Quem nunca quis estar presente nos cenários descritos nas histórias infantis? O País das Maravilhas, de Alice, a Terra do Nunca, de Peter Pan, são alguns dos universos possíveis de se visitar por meio da palavra escrita. Nesse sentido, o professor Diógenes Buenos Aires de Carvalho (2015), especializado em literatura para crianças e jovens, destaca na obra *A adaptação literária para crianças e jovens*:

O livro destinado ao leitor infanto-juvenil pode e deve dispor dos mais variados temas e assuntos, atentando o autor, apenas, para a capacidade de compreensão desse receptor, em virtude de que ele se encontra num processo de amadurecimento, o que não significa ter uma visão redutora e preconceituosa, mas uma postura de respeito ao seu ritmo, dando-lhe, assim, a oportunidade de dialogar com os referenciais encontrados no texto (CARVALHO, 2015, p.51)

Carvalho (2015), compreendendo a importância dessa fase de conhecimento do mundo para crianças e jovens, ressalta a necessidade da diversidade de temas e assuntos dentro do livro infantojuvenil, afinal, se a literatura colabora com esta fase de formação individual, merece total atenção de quem a produz para este público. Em complemento a isso, o autor pontua:

A compreensão do texto literário pelo leitor infantojuvenil, com todas as suas nuances, relaciona-se igualmente com a organização linguística apresentada, pois o interlocutor da obra é um leitor em processo crescente de aquisição da língua, cabendo ao autor, no momento da escrita, considerar esse aspecto. (CARVALHO, 2015, p.52)

Mais uma vez, o autor direciona-se aos escritores de histórias para o público infantojuvenil, agora citando a importância de atentarem-se ao modo de escrita, já que esse público está em processo de aquisição da linguagem, ou seja, seus conhecimentos ainda são limitados. Isso não implica dizer que os autores devem evitar palavras complexas, já que palavras novas podem ajudar a enriquecer o vocabulário; essa

organização linguística está ligada principalmente ao nível de clareza e objetividade da narrativa.

Na mesma obra, Carvalho (2015), destaca que o leitor e suas inquietações se modificam com o passar dos anos, logo a literatura deve acompanhar esse movimento de mudança para atingir seus objetivos ante o leitor. Em consonância com isso, a professora Nelly Novaes Coelho (2000), estudiosa da literatura infantil, destaca que “cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo. Conhecer esse modo é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em sua constante evolução” (COELHO, 2000, p.27). Em suma, a literatura atende as demandas de cada época.

Ainda falando sobre a literatura infantojuvenil, Coelho (2000) posiciona-se contra a ideia, antes pregada, de que a literatura infantil é um gênero menor. Para ela:

A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização (COELHO, 2000, p.24)

Aos poucos, essa literatura foi ganhando espaço e deixando de ser percebida como um gênero menor. As crianças e jovens, que antes não ganhavam espaço dentro da narrativa, deixam de ser personagens secundários e passam a estar presentes também como heróis; todavia, isso é conquista recente, pois ocorre a partir da segunda metade do século XIX, conforme destaca Carvalho (2015), na obra *A adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crussoé no Brasil*. Desse modo, a partir daí, as crianças e jovens passam assumir cada vez mais o protagonismo dentro das narrativas.

Sobre o espaço das crianças na narrativa, Monteiro Lobato, um dos principais autores de histórias infantojuvenis no Brasil, ressaltava a importância de se construir histórias em que “as crianças pudessem morar”, conforme a entrevista presente no texto de Arroyo (1968); ou seja, histórias em que pudessem se visualizar nas diversas situações do enredo, envolver-se nelas e assim, de fato, identificar-se com o que estava sendo narrado. Nesse caso, não seria uma história como as outras; seria uma narrativa com uma criança protagonizando e fazendo coisas de criança. Um lugar onde elas se sentissem à vontade, era este o desejo de Lobato. Por isso, criou histórias como *O sítio do Pica-pau amarelo*, *Memórias de Emília* e *a Menina do Narizinho arrebitado*. Essas histórias

marcaram e ainda marcam a vida de seus leitores, que embarcam nas mais diversas aventuras destes personagens, identificando-se com os heróis ali apresentados.

Na obra *O Hobbit*, de J.R.R. Tolkien, objeto de estudo deste trabalho, o protagonista, Bilbo Bolseiro, tem cinquenta anos, no entanto é considerado um jovem na narrativa, já que os hobbits viviam até mesmo centenas de anos. Os conflitos internos enfrentados pelo personagem durante a jornada o aproximam do leitor infantojuvenil que também passam por grandes desafios nessa fase da vida.

1.2 O MITO E AS CONCEPÇÕES DE HERÓI

Ao longo dos tempos, a representação do herói sofreu modificações, isso deve-se a necessidade de mudança da literatura, para atender as questões de sua época. Desse modo, o herói presente nas clássicas histórias da mitologia, não é o mesmo que protagoniza nos tempos modernos, embora, segundo Campbell (1990), o mítico não abandone o moderno. Para que se possa compreender sobre o mito, este trabalho, recorre aos estudos de Campbell (1990), autor famoso por realizar estudos nesta área. Campbell (1990, p.16) destaca que “mitos são histórias de nossa busca da verdade, de sentido, de significação, através dos tempos”, e por isso estão presentes nas diversas histórias que temos contato em nossa vida. O autor, destaca ainda que os temas dos mitos são atemporais, e sua mudança surge de acordo com a cultura de cada época; com isso surge a ideia de que o mítico não abandona o moderno.

Quando se fala em mito, é comum que haja um direcionamento do pensamento para um período passado, lembrando dos heróis da mitologia grega, por exemplo; no entanto, segundo a abordagem de Campbell (1990), no livro *O poder do mito*, os mitos são como mensagens universais, “é como se a mesma peça fosse levada de um lugar a outro, e em cada lugar os atores locais vestissem costumes locais e encenassem a mesma velha peça” (p.49). Desse modo, pode-se compreender as mudanças que ocorrem na literatura, embora as mensagens das histórias passadas inspirem as modernas, a adaptação dos personagens que nelas atuam é essencial para que haja uma maior identificação por parte de quem as lê.

De acordo com Campbell (1990), o mito livra o herói da culpa. No caso do herói clássico, caso mate ou pratique alguma “baixeza”, é justificado por estar fazendo isso em nome de um bem maior, ou por engano. Hércules, semideus na mitologia grega, filho de Zeus, conforme destaca Vasconcelos (1998), matou seus filhos, sobrinhos e sua

própria mãe, mas isso é justificado na narrativa como um “acesso de loucura”, provocado por sua inimiga Hera, esposa de Zeus, que queria vingar-se do herói por ser fruto de uma traição de seu esposo:

Hércules casou-se com Mégara e desse casamento nasceram alguns filhos. Hera, ainda desejosa de vingar-se do adultério de Zeus, fez com que o herói, num acesso de loucura, matasse a todos, juntamente com sua própria mãe e os filhos de seu irmão Íficles. Condenado por aquele morticínio e desejando se purificar, Hércules se dirigiu ao oráculo de Delfos a fim de consultar o deus Apolo através de sua sacerdotisa, a Pítia. Para expiar seu crime, a sacerdotisa lhe disse que ele deveria se colocar a serviço de seu primo Euristeu por doze anos. (VASCONCELOS, 1998, p.32)

Hércules cumpriu os doze trabalhos a ele designados por Euristeu. Nesse caso, o herói recebe a oportunidade de purgar sua culpa. Esses trabalhos eram praticamente impossíveis de serem realizados por um mortal comum, mas Hércules conseguiu cumpri-los, tornando-se exemplo de força e coragem.

Sobre o herói clássico, Flávio Kothe (2000) pontua:

Ainda que passe por grandes dificuldades e provações, e ainda que venha a constituir boa parte de sua grandeza através de uma série de “baixezas” (matar, mentir, tripudiar cadáveres e enganar), a narrativa épica clássica, adotando o ponto de vista do herói, trata de metamorfosear a negatividade em positividade” (KOTHE, 2000. P.12)

Os heróis clássicos, portanto, recorrem por vezes, a atitudes que “ultrapassam” os limites da moral, para alcançar seus objetivos, mas isso é justificado pelo que representa em sua sociedade. O caso de Hércules é um exemplo desse ato de “metamorfosear a negatividade em positividade”, conforme citado por Kothe (2000). O seu modo de agir é justificado pela ação de um terceiro, neste caso, Hera. Assim, a culpa não é totalmente de Hércules, pois estava agindo sob influência de outrem.

Na mitologia grega, o herói clássico representa a coragem, a força e sabedoria, um modelo a ser seguido pela sociedade. Algumas vezes passam por situações que os fazem aprender uma importante lição:

Com Ulisses, a ofensa a Poseidon, ao final da guerra de Tróia, segundo a versão apresentada no filme e sua identificação para o Ciclope Polifemo (filho do deus dos mares), com o objetivo de tripudiar sobre ele, após tê-lo cegado, rendem-lhe longos anos de sofrimento, até que

ele compreenda a lição de Poseidon: “que sem os deuses, o homem não é nada”. (MARTINS, s.d. p.05)

Ulisses assume seu erro e verbaliza seu aprendizado diante das situações que vivenciou: “os faécios me levaram para Ítaca, mas foi Poseidon quem permitiu que eu seguisse minha jornada, para que eu pensasse em suas palavras. E compreendi que eu era apenas um homem no mundo. Nada mais e nada menos” (HOMERO, 2002, n.p. apud MARTINS, s.d. p.05). Ele assume que sem a ajuda do deus Poseidon não seria capaz de seguir firme em sua jornada. Nesse sentido, Kothe (2000, p.13) destaca que “quanto maior a sua desgraça, tanto maior a sua grandeza. A sua desgraça não era mera choradeira, mas duro aprendizado da “condição humana”. Assim, o sofrimento de Ulisses gera aprendizado tanto para ele, quanto para seu povo, que o tomam como exemplo de virtude.

Por sua vez, o herói moderno, devido a estruturação da sociedade em que está inserido, assume uma postura diferente do herói clássico das epopeias. Pode apresentar em sua jornada temas comuns do cotidiano; pode não ser dotado de extrema força e sabedoria e não ser exemplo de virtude, desse modo “o heroísmo da sociedade moderna não é encontrado nas grandezas que aproximam o homem dos deuses, mas na própria realidade imediata” (SILVA e LEITE, 2011, p.236). Neste caso, entende-se por modernidade “o período histórico-social que tem início com o advento, principalmente, da industrialização e da nova organização social dela resultante” (*idem*). É importante ressaltar que o uso do termo “moderno” é utilizado também para referir-se ao herói presente na contemporaneidade, sendo usado, principalmente por Vogler (1998), na obra *A jornada do escritor*.

Bilbo Bolseiro é um herói moderno, presente na obra *O Hobbit*, de Tolkien (2019), que tem sua trajetória semelhante à de Ulisses, graças ao mito. Ele embarca em uma jornada e passa um longo tempo fora de casa e retorna com muitos aprendizados, acerca de si mesmo e do mundo. Todavia, ao contrário do herói clássico grego, não é um exemplo de virtudes e de coragem; possui muitos medos e um deles é o de aventuras, evento tão comum na vida de heróis.

Frodo Bolseiro, sobrinho de Bilbo, é outro exemplo de personagem presente na literatura moderna; ele é protagonista do primeiro livro da trilogia *O Senhor dos anéis: A sociedade do anel*, segue uma jornada parecida com a de seu tio. Ele precisa sair de sua terra rumo a uma missão quem tem como objetivo a destruição do “Anel do Poder”, que antes pertencia a Bilbo. Eis a reação do personagem ao receber a notícia que deveria abandonar seu lar e embarcar nessa difícil jornada:

Tenho andado tão preocupado em deixar Bolsão e dizer adeus, que nunca nem cogitei que direção tomar, disse Frodo, para onde devo ir? E pelo que devo me guiar? Qual será minha busca? Bilbo foi procurar um tesouro, lá e de volta outra vez, mas eu vou perder um tesouro, e não voltarei, pelo que estou entendendo. (TOLKIEN, 2011, p.93)

O personagem parece preocupado com coisas do cotidiano, como seu próprio dinheiro, sua casa entre outras coisas. Preocupa-se também com o que irá ganhar ao final de tudo, afinal estava deixando toda sua riqueza para trás sem nenhuma garantia de retorno. Nem sempre os sentimentos que advêm deste herói são positivos; durante muitos episódios sente, além de medo, raiva, rancor e desprezo. No diálogo que teve com o mago Gandalf sobre Gollum, a criatura que vivia sob as montanhas, e seus planos de vingança contra os hobbits por estarem com o anel que pertenceu a ele, Frodo exprime:

Mas isso é terrível, gritou Frodo, muito pior do que o pior que eu havia imaginado a partir de suas insinuações e advertências. Ó Gandalf, meu melhor amigo, que devo fazer? Pois agora estou realmente com medo. Que devo fazer? É uma pena que Bilbo não tenha apunhalado aquela criatura vil, quando teve chance! (TOLKIEN, 2011, p.84)

Mesmo sendo repreendido pelo mago por tais sentimentos e sendo convidado a conhecer os dois lados da história, tanto o de Gollum quanto o de Bilbo, Frodo continua com a mesma impressão sobre a criatura e pensando que livrar-se dela teria resolvido todos os problemas de seu tio e, conseqüentemente, os dele também. Isso está de acordo com o que Vogler (1998) pontua sobre o herói das narrativas modernas: “os heróis devem ter qualidades, emoções e motivações universais, que todo mundo já tenha experimentado uma vez ou outra: vingança, raiva, desejo, competição, territorialidade, patriotismo, idealismo, cinismo ou desespero”. Nesse sentido, o personagem aproxima-se de seu público através de seus sentimentos e ações em comum. O herói virtuoso e perfeito causa impacto e admiração, todavia o imperfeito, que possui sentimentos e características comuns ao ser humano, possibilita a identificação, que é o que gera a aproximação com o leitor.

De fato, os heróis das aventuras modernas possuem configurações diferentes dos clássicos. Segundo Vogler (1998):

Os heróis modernos podem não estar entrando em cavernas e labirintos para lutar contra animais mitológicos, mas não deixam de entrar num mundo especial e numa Caverna oculta quando se aventuram pelo espaço, pelo fundo do mar, pelos subterrâneos de uma cidade moderna,

ou quando mergulham em seus próprios corações. (VOGLER, 1998, p.72)

Desse modo, pode-se compreender que a jornada do herói moderno não se torna menos importante por ser diferente da jornada do herói clássico. Nos dois casos, há a saída de um mundo comum para um especial, mesmo que seja simbolicamente, há desafios e aprendizados. Embora possuam heróis tão diferentes em personalidade, essas histórias aproximam-se quanto a estrutura; esse é o poder do mito.

Os heróis que protagonizam na modernidade, geralmente precisam enfrentar problemas comuns a todos, e o leitor pode acompanhar e evoluir junto a ele durante a jornada. Os defeitos, por vezes “são um ponto de partida, feito de imperfeição e de algo a completar, a partir do qual o personagem pode crescer” (VOGLER, 1998, p.100). O desafio do herói pode ser um enfrentamento de um vício, trauma, ou qualquer outro problema comum na vida humana.

Os heróis nem sempre estão dispostos a participar de uma jornada. Com base nisso, Vogler (1998) considera dois tipos de heróis:

- 1.Os decididos, ativos, loucos por aventuras, que têm dúvidas, do tipo sempre-em-frente, automotivados.
- 2.Os pouco dispostos, cheio de dúvidas e hesitações, passivos, que precisam ser motivados ou empurrados por forças externas para se lançarem numa aventura. (VOGLER, 1998, p.106)

Normalmente, os heróis que possuem hesitações e se recusam a participar da jornada fazem isso por não querer renunciar as coisas que são de seu interesse, conforme pontua Campbell (2007). Pode ser representado pelo receio de deixar para trás sua casa, trabalho ou família. Esse tipo de herói pode mudar sua perspectiva ao longo da jornada.

Campbell (2007) destaca que o herói pode ser uma pessoa que venceu suas limitações, tanto históricas quanto pessoais. Pode ser um homem, mulher, clássico ou moderno, “seja herói ridículo ou sublime, grego ou bárbaro, gentio ou judeu, sua jornada sofre poucas variações no plano essencial” (CAMPBELL, 2007, p.42). Fora da ficção, a jornada pode não ser um acontecimento extraordinário, mas somente uma superação de desafios presentes na vida cotidiana.

2 A JORNADA DO HERÓI BILBO BOLSEIRO

Joseph Campbell (2007), apresenta na obra *O herói de mil faces*, um estudo acerca do mito do herói. Em suas pesquisas sobre o tema, descobriu que as narrativas seguem padrões mitológicos, mudando a “roupagem” de acordo com sua época. A essas semelhanças ele atribui o nome de monomito ou Jornada do herói, como é mais conhecido. A jornada do herói é como uma fórmula universal, que está presente em todas as narrativas e em todas as culturas.

O livro de Campbell (2007), inspirou e ainda inspira diversos autores pelo mundo, que usam sua obra como base para criação de seus roteiros e personagens, já que o livro reúne um estudo muito rico acerca dos mitos mundiais. O autor, em sua obra, usa desde mitos da cultura grega a histórias bíblicas. Dentre os autores inspirados por Campbell, está Christopher Vogler (1998), que escreveu o livro intitulado *A jornada do escritor*, que apresenta, grosso modo, uma versão simplificada da obra de Campbell (2007).

Segundo Vogler (1998, p.56), “a jornada do herói é um conjunto de elementos extremamente persistentes que jorram sem cessar das mais profundas camadas da mente humana”. Desse modo, trata-se de uma estrutura repetida ao longo dos séculos e que já está presente no imaginário humano. Sobre o mesmo assunto, Vogler (1998, p.57) pontua: “as histórias construídas segundo o modelo da Jornada do Herói exercem um fascínio que pode ser sentido por qualquer um, porque brotam de uma fonte universal, no inconsciente que compartilhamos, e refletem conceitos universais”. Para o autor, o que gera esse fascínio é essa identificação com essa “fórmula universal”.

Confirmando essa tese de inconsciente compartilhado, Jung (2016), em *O homem e seus símbolos*, ressalta que há dois tipos de inconsciente: o pessoal e o coletivo. O primeiro está na camada mais superficial da mente humana; já o segundo está na camada mais profunda, a que o autor nomeia de inconsciente coletivo, que é o que possibilita essa identificação com os mitos. Sobre o uso do termo “coletivo”, o autor explicou o porquê optou pelo uso termo:

Pelo fato do inconsciente não ser de natureza individual, mas universal; isto é, contrariamente à psique pessoal ele possui conteúdos e modos de comportamento, os quais são *cum grano salis*, os mesmos em toda parte e em todos os indivíduos. Em outras palavras, são idênticos em todos os seres humanos, construindo, portanto, um substrato psíquico comum de natureza psíquica suprapessoal que existe em cada indivíduo. (JUNG, 2016, n.p.)

Jung (2016) conseguiu constatar isso a partir da observação dos sonhos de seus pacientes. Percebeu que os arquétipos comuns na mitologia sempre estavam presentes nos sonhos e considerou isso o inconsciente coletivo da humanidade. Com base nisso, Vogler (1998, p.56), inspirado na obra de Jung, destaca que “os personagens que se repetem no mundo dos mitos {...} são as mesmas figuras que aparecem repetidamente em nossos sonhos e fantasias” e isso explica “o poder universal dessas histórias” (*idem*). Com isso, é possível compreender que o que gera essa identificação universal com o mito do herói é o inconsciente coletivo. São as semelhanças presentes dentro da psique humana.

Campbell (2007) aponta a seguinte estrutura como padrão da jornada do herói: “um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes” (CAMPBELL, 2007, p.36). Para o autor, a jornada segue o padrão de *separação-iniciação-retorno*, que é a base do monomito. Como já mencionado anteriormente, Campbell (2007), buscou um padrão que se aplicasse a todos os mitos, identificando as semelhanças nas trajetórias de heróis de diferentes culturas e épocas, e a isso deu o nome de monomito.

Cada estágio da jornada heroica tem suas subdivisões, segundo a estrutura presente em *O herói de mil faces*. O primeiro estágio, o da “Separação”, é dividido em: chamado à aventura, recusa do chamado, ajuda sobrenatural, travessia do primeiro limiar, e barriga da baleia. O segundo estágio, “Iniciação”, é assim subdividido: caminho de provas, encontro com a Deusa, a mulher como tentação, sintonia com o pai, apoteose e a bênção última. Por fim, no terceiro estágio, “Retorno”, há: a recusa do retorno, fuga mágica, resgate de dentro, travessia do limiar, retorno, senhor dos dois mundos e liberdade de viver. Ao todo são 17 etapas da jornada citados por Campbell (2007), mas nem todas as narrativas apresentam as etapas completas.

Seguindo esses estágios citados por Campbell (2007), o herói, até então em seu mundo comum, recebe um “Chamado à aventura”. Segundo Vogler (1998), o mundo comum é o passado do herói, e é também o lugar que contrasta com o mundo especial. É nessa apresentação inicial do herói que gera-se a identificação por parte do leitor, afinal, o que está sendo apresentado, pelo menos nas narrativas modernas, é um ser comum, com sua vida, problemas e dilemas comuns. No entanto, pode haver uma “Recusa do chamado”, quando isso ocorre, o herói está fadado ao tédio e sua vida “dá uma impressão

de falta de sentido” (CAMPBELL, 2007, p.67). Mas, caso o herói aceite o chamado, embarca na jornada e tem seu primeiro encontro com o “Mentor sobrenatural”, que pode estar presente na figura de um ancião. Esse mentor fornece meios para que o personagem alcance seus objetivos no percurso, pode ser por meio de amuletos ou até mesmo objetos que ajudem na missão.

O herói inicia a sua jornada e ultrapassa o “Primeiro limiar”, é neste ponto que consegue observar as primeiras mudanças entre seu mundo (comum) e o outro que irá adentrar (especial). A passagem pelo limiar pode representar o renascimento ou o “Ventre da baleia”, etapa em que “o herói, em lugar de conquistar ou aplacar a força do limiar, é jogado no desconhecido, dando a impressão de que morreu” (CAMPBELL, 2007, p.91).

Em seguida, no segundo estágio, a “Iniciação”, o herói, após atravessar o limiar, encontra-se em um mundo completamente novo, onde percorre um “Caminho de provas” e perigos. É neste momento da jornada que enfrenta os primeiros inimigos. Em seguida, ocorre o “Encontro com a deusa”. Segundo Campbell (2007, p.119) “é o teste final do talento de que o herói é dotado para receber a benção do amor”; essa “benção” pode ser em formato de algo que ajudará na jornada.

De acordo com Campbell (2007) o herói, durante seu percurso, pode ser tentado a desviar-se de seu propósito e essa tentação é representada pela figura da mulher, isso é apresentado na etapa “A mulher como tentação”. O personagem enfrenta seus medos e isso é evidenciado na etapa “Sintonia com o pai”. Na etapa “Apoteose”, o herói amplifica sua visão sobre o mundo e sobre si mesmo, preparando-se para os desafios futuros. Os três últimos estágios citados estão ligados a psique humana, já que Campbell (2007), acreditava que o mito do herói podia influenciar na evolução do indivíduo. Por fim, o herói alcança a “Benção última”, o objetivo que o fez embarcar na aventura e está pronto para voltar para casa.

O “Retorno” é o último estágio da jornada. Terminada a aventura, o herói pode recusar o retorno. Segundo Campbell (2007) a responsabilidade que deve ser assumida é o motivo de frequente “Recusa do retorno”. Outro caso que pode ocorrer é a “Fuga mágica”, isso ocorre quando a recompensa é adquirida sem a benção do guardião; nesse caso, o herói faz o retorno sem a aprovação de seus líderes. O herói pode receber “Auxílio externo” para voltar para casa, isto é “o mundo tem de ir ao seu encontro e recuperá-lo” (CAMPBELL, 2007, p.206). Com isso, o herói volta a seu mundo, passando pelo “Limiar de retorno” e torna-se, com isso, “O senhor dos dois mundos” e isso significa “a liberdade de ir e vir pela linha que divide os dois mundos” (CAMPBELL, 2007, p.225). Com o

conhecimento que adquire durante sua jornada, o herói consegue a “Liberdade para viver”, que é a última fase da jornada.

O romance *O Hobbit*, de Tolkien (2019), é um exemplo de obra que possui bem delineado, em sua estrutura, a teoria de Campbell (2007), sobre o mito do herói, e, por isso, algumas etapas dessa teoria serão aplicadas à obra, para assim atingir o objetivo do trabalho, que é entender como ocorre a mudança e amadurecimento de Bilbo Bolseiro, a partir dos desafios vividos desde a saída de sua toca sob a Colina, até as terras da Montanha solitária.

2.1 BILBO BOLSEIRO: “UM MODESTO HERÓI”

Um modesto herói, é assim que John Ronald Reuel Tolkien refere-se a Bilbo Bolseiro na sinopse da primeira edição de *O Hobbit*, e o uso deste termo é justificado ao longo da narrativa. Essa obra foi publicada pela primeira vez em 21 de setembro de 1937, todavia o processo de criação iniciou bem antes dessa data, em 1929, conforme relata em uma carta que escreveu para W.H. Auden em 1955, Tolkien já idealizava e fazia rascunhos do que seria uma de suas obras mais conhecidas. Essas informações são disponibilizadas ao leitor na apresentação do livro, na versão de 2019 da editora Happer Collins, tendo como fonte Christopher Tolkien, um dos filhos do autor. Essa obra tornou-se prelúdio às outras, como a trilogia *O Senhor dos Anéis*. O autor também é dono dos títulos *O Silmarillion* (1999), *Os filhos de Húrin* (2007), *A queda de Gondolin* (2018), entre outros.

Com a expressão “numa toca no chão vivia um hobbit”, J.R.R. Tolkien (2019) iniciou uma de suas obras mais aclamadas: *O Hobbit*. O autor era escritor, filólogo e professor universitário; escreveu a frase formadora do livro em 1929, durante uma correção de provas que fazia sobre a mesa de seu escritório, segundo relato presente no prefácio da edição de 2019, da Happer Collins. Na época Tolkien não deu continuidade à obra, só a desenvolveu alguns anos depois, a fim de conta-la a seus filhos que insistiam por uma continuação, que mais tarde viria a ser um fenômeno no mercado editorial.

O Hobbit narra a história de um grupo formado por 14 membros, liderados por Thorin, rei das terras onde encontra-se a Montanha Solitária, antigo lar dos anões, tendo como mentor o mago Gandalf, que é responsável por incluir Bilbo, o pequeno hobbit, décimo quarto membro da comitiva, na aventura, desempenhando o papel de ladrão,

função dada a ele por seu tamanho e potencial agilidade, a princípio, reconhecido apenas por Gandalf, como componente de extrema importância para a jornada. O foco da jornada era a recuperação das terras e as riquezas outrora perdidas durante uma guerra contra Smaug, um dragão sádico e obcecado por ouro. Eles sabiam que a missão não seria fácil, pois além do dragão, que seria enfrentado ao final da missão, o caminho até lá era extremamente difícil e cercado de perigos. E, foi assim, escolhendo enfrentar esse árduo percurso, que, a companhia, enfrentou os mais diversos desafios, lutando contra Trolls, gobelins, lobos, aranhas gigantes e outros seres do mundo ficcional Tolkeniano.

O pequeno herói, Bilbo Bolseiro, como já mencionado, é um hobbit; essa espécie é uma das criações de Tolkien. Sobre eles, o autor pontua:

Eles são (ou eram), um povo pequeno, com cerca de metade de nossa altura, e menores que os anões barbados. Hobbits não tem barba. Há pouca ou nenhuma mágica neles, exceto a do tipo comum e cotidiano que os ajuda a desaparecer em silêncio e rapidamente quando gente estúpida aparece. (TOLKIEN, 2019, p.28)

Com essa descrição de Tolkien (2019) é possível perceber que os hobbits são criaturas de vida comum; eles não têm superpoderes, gostam de conforto, boa comida e odeiam aventuras, pois são “desagradáveis, perturbadoras e desconfortáveis, e fazem o sujeito se atrasar para o jantar” (TOLKIEN,2019, p.30). Perder a hora da refeição era algo gravíssimo para os hobbits. Desse modo, é possível imaginar que não fazia parte dos planos de Bilbo participar dessa jornada cheia de perigo, planejada pelos anões. E, de fato, esse pensamento está correto, o Sr. Bolseiro só se envolveu nessa situação “desconfortável”, por conta do mago Gandalf, que via nele um potencial aventureiro, pois até então os hobbits eram “preteridos em histórias e lendas” (TOLKIEN,2015, p.13). Nem Bilbo compreendia o que fez o mago escolhe-lo como peça fundamental na missão, tampouco seus companheiros. Aliás, isso foi questionado várias vezes pelos anões durante o percurso, mas Gandalf mantinha-se firme em sua decisão, e isso só passou a ser compreendido por todos ao final da jornada.

2.2 O CHAMADO À AVENTURA E O CRUZAMENTO DO LIMIAR

O “chamado à aventura” é feito a Bilbo, por Gandalf, no primeiro capítulo do livro, que tem como título, “Uma festa inesperada”. No primeiro encontro dos dois

personagens, quando Gandalf informa que está procurando um aventureiro, Bilbo instantaneamente diz ao mago que será difícil encontrar no lugar onde vive, pois, segundo ele “são gente simples e quieta, e não querem saber de aventuras, pois são “coisas desagradáveis, perturbadoras e desconfortáveis” (TOLKIEN, 2019, p.30). Neste momento ocorre a “Recusa do chamado”, pois para Bilbo é até uma ofensa que se mencione a palavra aventura em sua presença. O que faz o hobbit tratar Gandalf com um pouco mais de gentileza, é receber a informação que ele foi um grande amigo de seu pai, o Sr. Bungo Bolseiro. Acaba o convidando para um chá da tarde do dia seguinte, que é prontamente aceito por Gandalf. O Sr. Bolseiro mal sabia o que esse convite representaria para sua vida mais tarde.

No dia seguinte, 13 anões bateram à porta de Bilbo, o que o deixou bastante confuso e incomodado, pois “gostava de visitantes, mas também gostava de conhecê-los antes que chegasse e preferia que ele próprio os convidasse” (TOLKIEN, 2019, p.33). Todavia, uma das principais características dos bolseiros era a hospitalidade, o que fez o hobbit, mesmo incomodado, preparar comida e bebida para os visitantes. Mesmo esforçando-se para ser gentil com todos, considerava aquele um dia muito desagradável. Não conseguia compreender o porquê de sua mesa está rodeada de anões falando de coisas perigosas demais, e começava a temer que “uma aventura das mais danadas tivesse chegado justamente à sua casa.” (TOLKIEN, 2019, p.36).

Bilbo não entendia o que tinha levado todos aqueles anões até ali, mas eles sabiam. A marca deixada em sua porta por Gandalf, na visita do dia anterior, demarcava o ponto de encontro dos aventureiros. O mago é anunciador da missão ao hobbit, por isso é considerado o arauto, que, conforme descreve Campbell (2007, p.62) “pode ser igualmente uma figura misteriosa, coberta por um véu, o desconhecido”. Gandalf é misterioso, mas não desconhecido por Bilbo, já que este muito ouviu falar sobre as aventuras empreendidas pelo mago.

Ao escutar sobre as aventuras, dragões e um contrato que falava da possibilidade de não voltar da expedição, ou seja, morrer, Bilbo caiu, em pânico, sobre o tapete da sala. Segundo Olsen (2012), nesse momento:

O que observamos não é simplesmente o despedaçamento do mundo previsível e calmo de Bilbo à medida que a multidão de anões, não convidados, cruza sua porta, come todos os seus bolos e arruína a paz de seu lar confortável num caos camarada. O mundo de Bilbo não é só revirado, mas também transformado (OLSEN, 2012, p.30).

O mundo de Bilbo é transformado porque o que ele mais temia, chegou à sua casa: a aventura. E com a histeria dele diante disso, o leitor, sentado, no conforto de sua casa e com o livro na mão, pode chegar a julgar o Sr. Bolseiro, talvez o dando título de medroso e fraco; no entanto, esse mesmo leitor, possivelmente, na vida cotidiana opta por caminhos menos tortuosos. Ao encontro disso, Campbell (2007, p.30), destaca: “A grande massa de homens e mulheres dá preferência ao caminho menos eivado de aventuras das rotinas tribais e cívicas comparativamente inconscientes”. Isso quer dizer que a maioria das pessoas, assim como o pequeno hobbit, também buscam caminhos que os demande menos energia e esforço; assim é possível perceber que o herói desta narrativa tem muito mais em comum com o leitor que o acompanha do que se possa imaginar.

Antes que voltasse para sala onde os anões discutiam seus negócios, ouviu que ele tinha mais aparência de um quitandeiro do que de um ladrão, e ficou profundamente ofendido, e “de repente, sentiu que toparia ficar sem dormir e sem o café da manhã para que o achassem feroz” (TOLKIEN, 2019, p.43), e isso significava muito para um Bolseiro. Bilbo não precisava provar que era feroz, afinal estava determinado a não envolver-se em aventuras, e era uma pessoa tranquila e “respeitável”, como está em destaque na narrativa ao referir-se ao seu povo; todavia, ao ser subestimado, estava disposto a escutar quantas histórias fossem possíveis acerca de guerras e dragões. E assim o fez, até o momento de se recolherem para dormir.

No dia seguinte, os anões saíram mais cedo, sem ter a certeza de que o hobbit participaria da missão. Deixaram apenas uma carta marcando o local e horário que deveria encontra-los. Bilbo acorda e olha a casa que já não está cheia do barulho dos anões com uma mistura de alívio e desapontamento. Esse último sentimento aparece quando, a princípio, o herói “Recusa o chamado”, pois segundo Campbell (2007, p.64) “ mesmo que o herói retorne, por algum tempo, às suas ocupações corriqueiras, é possível que estas se afigurem sem propósito. E então, uma série de indicações de força crescente se tornará visível, até que {...} a convocação já não possa ser recusada”. O Sr. Bolseiro, ao ler a carta, orientado por Gandalf, o único que ainda estava nas terras de Bilbo, instantaneamente sai às pressas ao encontro de seus companheiros e, conforme o narrador pontua:

Até o fim de seus dias, Bilbo nunca conseguiu entender como foi parar lá fora, sem um chapéu, sem um bastão de caminhada, sem dinheiro algum, nem nada do que costumava levar quando saía; deixando seu segundo desjejum pela metade e sem lavar os pratos, jogando suas chaves nas mãos de Gandalf e correndo tão rápido quanto seus pés conseguiam carregá-lo. (TOLKIEN, 2019, p.55)

As preocupações de Bilbo ainda eram com coisas muito pequenas, como as refeições, roupas e a falta de seu lenço de bolso e casaco, no início da jornada; para ele, parecia o básico a se levar em um “passeio” para fora de casa. Deixando a parte esse pequeno detalhe, o Sr. Bolseiro, de fato estava muito empolgado para o início dessa nova fase em sua vida. Caso não tivesse aceitado, dificilmente receberia um outro convite para algo semelhante.

A partir disso, pode-se pensar: o pequeno hobbit poderia recusar o chamado à aventura. Por que não o fez, já que as odiava? É resposta é simples, a disposição para participar de eventos aventureiros estava em seu sangue, literalmente, pois era filho de Beladona Tûk e Bungo Bolseiro e essa informação é muito importante para compreender o rumo da narrativa. Sua mãe representava o lado aventureiro da família, já que havia se envolvido em muitas aventuras durante sua juventude. Inclusive, os Tûks eram extremamente malvistas por outros hobbits, justamente por não seguirem o padrão de vida tranquilo que era comum a eles. Embora a princípio, Bilbo tenha lutado contra a vontade de participar da missão, seu lado Tûk venceu a batalha interna contra o lado Bolseiro. Essa atitude foi um ato de grande coragem e ousadia, já que participar de uma aventura ia contra todos os princípios de seu povo, que eram considerados respeitáveis justamente por não participarem desses eventos, pois eram previsíveis em suas ações.

Na teoria de Campbell (2007), após a aceitação do chamado o herói embarca rumo ao desconhecido, e isso é marcado como o “Cruzamento do Limiar”. Isso fica evidente no segundo capítulo da narrativa, intitulado “Cordeiro assado”, a partir do momento que partem das terras perto da Colina e adentram nas Terras Solitárias, onde “não havia ninguém, nem estalagens, e as estradas foram ficando cada vez piores {...} tudo parecia tristonho” (TOLKIEN, 2019, p.57). Este é o contraste entre os dois mundos, o comum e o especial. Mesmo que ainda não tivessem adentrado ao mundo especial, a simples aproximação evidenciava a diferença entre esses dois lugares.

Os primeiros inimigos enfrentados nas Terras Solitárias são os trols, definidos na narrativa como pessoas grandes que estavam ao redor de uma fogueira, durante uma refeição. Assim, Bilbo parte para sua primeira missão como gatuno. A missão não foi bem-sucedida, já que foi capturado ao tentar roubar a carteira de um dos gigantes. Bilbo, em meio a uma confusão conseguiu livrar-se, mas os anões que foram resgatá-lo, acabaram sendo capturados. Mas, foi nessa ocasião, que Bilbo fez sua primeira

contribuição na aventura. Com ajuda de Gandalf, que havia aparecido novamente, o hobbit conseguiu vencer os monstros e resgatar os anões.

É importante lembrar que o hobbit não era muito respeitado pelos anões, que o consideravam mais um fardo do que um membro essencial. No início da jornada, antes mesmo de encontrar os trolls os anões não prestavam atenção em Bilbo, tampouco ouviam suas reclamações. Bilbo nesta etapa, não possui nem o respeito de seus semelhantes e nem o de seus companheiros de missão. A contribuição que teve na derrota dos monstros não foi suficiente para conquistar o respeito dos anões, afinal, sendo capturado, ele colocou todos em uma grande enrascada.

Antes que pudessem enfrentar novos desafios, chegam à Valfenda, especificamente na “Última Casa Hospitaleira”, onde vive Erlond, um elfo, e seus semelhantes. Ali descansam, como o próprio nome do capítulo três sugere: “Um pouco de descanso”. Bilbo sente-se muito à vontade em Valfenda, deixando de perceber até a passagem do tempo, e nesse lugar, passam muito tempo. Este ponto pode ser considerado “O ventre da baleia”. O local pode ser considerado como o portal entre os dois mundos, em que não estão mais em um mundo comum, no entanto, a paz e a tranquilidade reinam. Este lugar é onde o herói, segundo Campbell (2007), tem sua morte decretada para o mundo comum e embarca de vez para o mundo especial. O motivo que leva o hobbit se sentir tão bem neste lugar, é que “vislumbra uma reconciliação real entre suas duas naturezas: uma vida em que ele pode se permitir ser levado por canções de aventura, tragédia e deleite, e, no entanto, também se sentir seguro e confortável” (OLSEN, 2012, p.94).

2.3 O CAMINHO DE PROVAS, O DESAFIO FINAL E O RETORNO PARA CASA

A fase denominada “O ventre da baleia” marca o fim da primeira fase da jornada heroica, a “Partida” presente em Campbell (2007). O próximo estágio é a “Iniciação”, que tem início com o “Caminho de provas”, em que o herói passa por diversos desafios e provas, com diferentes e perigosas criaturas do mundo especial. O primeiro desafio após a partida de Valfenda é com os gobelins, criaturas sádicas e cruéis que vivem sob as Montanhas Nevoentas. Esse é um dos momentos decisivos para construção da identidade de Bilbo ante seus companheiros de jornada, pois é ele que dá o grito que desperta os anões, que dormiam em uma das cavernas das montanhas, e os alerta para presença de

inimigos, embora somente Gandalf, por um golpe de sorte, tenha se livrado das garras dos gobelins.

A morada dos gobelins, sob as montanhas era extremamente escura o que sufocava seus prisioneiros, e Bilbo “desejou de novo estar em sua gostosa e iluminada toca de hobbit” (TOLKIEN, 2019, p.87). Os anões e Bilbo, com a ajuda de Gandalf, que novamente aparece em uma hora primordial, conseguem matar o Grande Gobelino, líder dos gobelins, e fugir pelos túneis escuros.

No meio dessa confusão, o sr. Bolseiro acabou ficando para trás, nos túneis escuros. Foi ali que ele encontrou o objeto mais importante de sua jornada, embora ele ainda não soubesse disso, um anel de invisibilidade. Esse anel era de Gollum, uma criatura que vivia nas profundezas dos túneis, descrita como “pequena e escorregadia” (TOLKIEN, 2019, p.97), a quem, até mesmo os gobelins temiam. Após um jogo de adivinhas, condição estabelecida pela criatura para que Bilbo fosse liberto do local, o hobbit conseguiu escapar em posse do anel. Quando Gollum percebeu que havia perdido sem bem mais precioso, perseguiu Bilbo pelos túneis, mas a única coisa que conseguiu foi indica-lo a saída do local.

Após isso, os problemas continuam, pois são encurralados por wargs, lobos aliados dos gobelins, mas conseguem escapar com a ajuda do Senhor das Águias e sua companhia que passava pelo local. As águias levam o grupo a um ponto bastante avançado do caminho que percorriam, ajudando-os a poupar tempo. Eles chegam à casa de Beorn, um troca-peles, no capítulo sete, intitulado “Acomodações esquisitas”. A princípio são recebidos com certa desconfiança, mas logo ganham a confiança do anfitrião. Beorn leva-os em segurança até o próximo ponto da jornada, Trevamata, a floresta da escuridão. É neste ponto que Gandalf, mais uma vez precisa deixar a companhia dos anões e do Sr. Bolseiro, para resolver outras questões importantes, não reveladas pelo mago.

O capítulo oito, denominado “Moscas e aranhas”, narra a estadia turbulenta do grupo de aventureiros em Trevamata. A floresta era muito escura, principalmente à noite, e eles odiaram estar no lugar, tanto quanto nos túneis dos gobelins. Ansiavam por ver a luz do sol, mas parecia que o percurso nunca chegava ao fim. Além disso, estavam cercados de animais de olhos grandes, que não podiam identificar por conta da escuridão e também era um lugar cheio de magia, de acordo com Tolkien (2019).

No meio da escuridão da floresta, o grupo é capturado por aranhas gigantes e em seguida pelos Elfos da Floresta, que não eram maus, mas eram desconfiados, o que os fez

tratar os anões, como prisioneiros inimigos. Nos dois casos, Bilbo foi o responsável pelo resgate do grupo, com a ajuda de seu anel de invisibilidade, que o possibilitou livrar-se da captura.

O capítulo dez, “Cálida Acolhida”, narra a chegada dos anões e Bilbo na Cidade do Lago, que localizava-se perto do destino final, a Montanha Solitária. Eles foram acolhidos com assombro e empolgação por parte de todos da cidade. Thorin foi reconhecido como o rei que as lendas prometiam o retorno, e de fato ele era. Após alguns dias de descanso seguiram para morada de Smaug, a Montanha Solitária, abastecidos de materiais e alimentos, cedidos pelo Mestre da Cidade.

Ao chegarem a Montanha, Bilbo é o único que lembra das instruções passadas por Erlond, durante a estadia do grupo em Valfenda, acerca das Runas, letras presentes no mapa das terras da Montanha Solitária, e encontra a porta secreta para entrar no salão onde está o dragão. Segundo Olsen (2012, p.304) “ele é o único que espera com paciência ao lado da pedra cinzenta”, e que “Thorin só se aproxima da pedra quando Bilbo chama, não teria nem mesmo pensado em testar a chave que Gandalf lhe deu na fechadura milagrosa se não fosse pelo hobbit” (OLSEN, 2012, p.304).

Bilbo entra pela primeira vez no covil do dragão e encontra ele dormindo sob muito ouro e pedras preciosas. Todas essas riquezas mencionadas pertencem aos anões e foram tiradas pelo dragão. Bilbo consegue roubar apenas uma taça e algumas moedas de ouro o que deixam seus amigos muito contentes ao recebê-lo. A segunda visita ao covil do dragão não foi muito bem-sucedida, já que Smaug estava acordado e percebeu a presença do hobbit, com quem teve uma conversa reveladora. Bilbo por meio de suas metáforas durante a conversa, acabou causando um mal-entendido, levando o dragão a pensar que o povo da Cidade do Lago havia o enviado até sua morada. Graças a sua agilidade nesta ocasião, o Sr. Bolseiro não foi incinerado por Smaug, que ficou enfurecido com as brincadeiras empreendidas por seu visitante. Bilbo conseguiu sair rápido, mas “tinha ficado todo chamuscado até o couro cabeludo” (TOLKIEN, 2019, p.253). Enquanto se arriscava no covil do dragão, os anões permaneciam seguros do lado de fora.

Embora, como já mencionado anteriormente, a segunda visita de Bilbo ao salão onde estava Smaug não tenha sido totalmente bem-sucedida, ele, com sua esperteza, conseguiu descobrir o ponto fraco da fera. Ao virar-se o dragão expôs sua bela armadura, que não cobria totalmente seu peito, e era exatamente aquele local que poderia trazer o fim a Smaug. No momento que o hobbit conta a seus companheiros, um tordo, uma ave

mágica que compreendia tudo que estavam falando, escuta tudo e sai voando para levar essa informação aos homens da Cidade do Lago.

Bilbo vai, novamente sozinho, para o salão do dragão, pois segundo Thorin, o líder dos anões, “o senhor Bolseiro ainda era oficialmente o gatuno e investigador especializado do grupo” (TOLKIEN, 2019, p.260). O modo de referir-se ao Sr. Bolseiro mudou muito por parte de Thorin e dos anões, antes para eles, o hobbit parecia um quitandeiro, agora era o “gatuno e investigador especializado do grupo”.

Ao chegar novamente no covil, Bilbo depara-se com a ausência de Smaug. Ele não sabia, mas por conta do mal-entendido da última visita, o dragão partiu para Cidade do Lago, determinado a destruí-los. Enquanto isso, Bilbo percorria o salão, vislumbrando toda aquela riqueza; neste momento ele encontra a famosa Pedra Arken, considerada o coração da Montanha e que era o maior interesse de Thorin, pois pertenceu a seu pai Thrain. A Pedra era a mais bela que Bilbo já tinha visto e estava disposto a trocar toda sua recompensa por ela. Ele sabia que era algo importante para Thorin, mas não estava disposto a falar sobre ela no momento, e com isso assume: “agora virei um gatuno de verdade” (TOLKIEN, 2019, p.261). Esse momento pode ser denominado como a benção *última*, a última etapa do estágio da *iniciação*, em que o herói conquista algo de grande valor, conforme destaca Campbell (2007).

Enquanto isso, na Cidade do Lago, Smaug iniciava seu plano de destruição; não concluiu porque foi derrotado por Bard, morador da cidade, herdeiro de Girion, Senhor do Vale, que também teve suas riquezas roubadas pelo dragão. Bard, recebendo a mensagem do tordo, lançou uma flecha sobre o peito de Smaug, levando-o a cair no lago que cercava o lugar. O tordo é quem leva a notícia aos anões e Bilbo, que ficam extremamente felizes.

Com a morte do dragão muitas coisas acontecem. Os elfos e os homens da Cidade do Lago, iniciam uma excussão rumo à Montanha, com o interesse nas riquezas que ali estavam. Encontram Thorin muito resistente, que recusava-se a ceder qualquer parte do que considerava sua herança. Neste meio tempo, Bilbo, às escondidas, vai ao encontro da companhia que encontrava-se do instalados do lado de fora da Montanha, esperando que o rei dos anões mudasse de ideia acerca de sua decisão, e entrega o bem mais precioso que possuía, a Pedra Arken, que era extremamente importante para Thorin. A intenção do hobbit era fazer com que Thorin cedesse, a paz reinasse e tudo voltasse a normalidade logo, e essa atitude foi bastante aclamada por Gandalf, que estava no meio da companhia dos elfos e homens do Cidade do Lago.

O rei dos anões não ficou nada feliz ao saber da traição do Sr. Bolseiro o que fez expulsá-lo da Montanha. Thorin mantinha-se resistente, mas uma força maior o fez ceder. Os gobelins juntaram-se aos wargs para se vingarem dos seus inimigos, os anões, e avançavam para uma batalha. Quando percebeu isso, Thorin se juntou aos homens da Cidade, aos elfos e aos anões de Dain, que haviam sido convocados pelo rei dos anões antes dos gobelins e wargs aparecerem. Esse foi o desafio final, denominado “A batalha dos cinco exércitos”.

A batalha foi sangrenta, mas Bilbo não pôde acompanhá-la até o final, só viu o momento em que as águias chegaram para ajudá-los, e “naquele momento uma pedra, caindo lá de cima, golpeou com força seu elmo, ele caiu com um estrondo e não soube de mais nada” (TOLKIEN, 2019, p.305). Quando acordou tudo já havia terminado e estava sozinho no meio à destruição que a batalha causou. Beorn também apareceu para lutar, e a batalha havia sido vencida. Bilbo chegou a tempo de ouvir as últimas palavras de seu líder Thorin, que havia lutado bravamente. Essas foram as palavras de despedida do Rei dos anões a Bilbo:

Adeus meu bom ladrão, disse ele. Vou agora para os salões de espera, sentar-me ao lado de meus pais, até que o mundo seja renovado. Uma vez que agora deixo todo ouro e toda prata, e vou aonde são de pequena valia, desejo me despedir em amizade de você e queria retirar minhas palavras e ações no Portão. (TOLKIEN, 2019, p.307)

O pedido de desculpas era pelos insultos proferidos quando Bilbo entregou a Pedra Arken aos, até então, oponentes de Thorin. Bilbo demonstrou sua satisfação em participar da jornada com ele e isso foi, segundo ele, “mais do que qualquer Bolseiro merece” (TOLKIEN, 2019, p.308).

Com o fim da jornada, chega o momento do “Retorno”, que é o terceiro e último estágio da jornada proposta por Campbell (2007). Bilbo despede-se de seus companheiros e inicia sua viagem de volta para casa ao lado de Gandalf, do Rei élfico e Beorn. O mago e hobbit passaram pela casa de Beorn, pela borda da Trevamata e por fim chegaram a Valfenda, que simboliza a “Passagem pelo limiar de retorno”, o portal entre os dois mundos, o especial e o comum, momento em que o herói renasce “e o seu retorno é descrito como uma volta do além” (CAMPBELL, 2007, p.213). Com o retorno para sua terra passa a ser “Senhor dos dois mundos”, que segundo Campbell (2007) é a liberdade para transitar entre os dois mundos, e essa experiência e conhecimento adquiridos lhe dão “Liberdade para viver”, que é a última etapa do “Retorno” e marca a conclusão da jornada.

O último capítulo, intitulado “O último estágio”, relata que o retorno do hobbit causa grande agitação, pois todos os seus familiares, amigos e vizinhos achavam que ele tinha morrido. Alguns ficaram bastante decepcionados ao saber que havia retornado, pois tinham adquirido vários de seus bens em leilões, o que fez Bilbo gastar boa parte de seu dinheiro com uma nova mobília. E, como imaginou, havia perdido o respeito de boa parte de seu povo, que o consideravam “esquisito” e o denominavam “amigo dos elfos”. Mas ele não se importava mais com isso e “permaneceu muito feliz até o fim de seus dias” (TOLKIEN, 2019, p.322).

3 A RESSURREIÇÃO DO HERÓI E SUA NOVA VIDA

Bilbo Bolseiro, após essa árdua jornada, já não era mais o mesmo, e isso justifica o fato de não importar-se mais com o julgamento de seu povo. Já não era um Bolseiro comum e previsível que evitava aventuras, passou a perceber o mundo de forma diferente e isso era nítido aos olhos de todos que estavam a seu redor. Isso está de acordo com o que destaca Campbell (2007):

O retorno e a reintegração à sociedade, que é indispensável à circulação da energia espiritual no mundo e que, do ponto de vista da comunidade, é a justificativa do longo afastamento, pode se afigurar-se ao próprio herói como o requisito mais difícil. (CAMPBELL, 2007, p.41)

Para Bilbo, esse momento de retorno não foi a parte mais difícil, pois já não tinha o mesmo pensamento de antes. Até mesmo sua reputação de “respeitável”, que era o que ele mais temia perder, e de fato perdeu, não o preocupava mais, e mesmo com a balbúrdia que causou com seu retorno “estava bem contente e o som da sua chaleira no fogo passou a ser até mais musical do que tinha sido nos dias tranquilos, antes da festa inesperada” (TOLKIEN, 2019, p.322). Se no passado sua vida era leve e tranquila, agora era muito mais, pois sabia valorizar tudo que estava diante de si.

Segundo Vogler (1998), o herói pode voltar ao mundo comum com o *Elixir*, que é uma recompensa real ou metafórica. A sabedoria que adquirem e trazem a seu mundo “pode ser tão forte que acarreta mudanças, não apenas neles, mas no mundo em volta. O mundo se altera e as consequências vão longe” (p.374). Foi exatamente isso que ocorreu com Bilbo, ele retornou e seu modo de agir havia mudado, e isso causou um grande impacto em seu povo, que não conseguiam compreender o que havia gerado tal mudança.

Ser julgado pelo que havia se tornado, como já mencionado, não abalava o hobbit, pois reconhecia o quanto a visão de seu povo era limitada e baseada somente nas experiências vividas no mundo comum. Sua casa agora recebia elfos, anões e magos e já não era mais uma visita inesperada. As experiências vividas no mundo especial permitiram seu amadurecimento, e ampliaram sua visão acerca do mundo.

Quando o herói passa pelo “ventre da baleia”, simbolicamente tem sua morte decretada. No caso de Bilbo, para seu povo, a morte havia sido física, já que passou um ano fora de casa, sem dar notícias e nem explicações. Para Vogler (2012) é preciso que o herói morra para renascer, pois o renascimento traz a ideia de renovação, e é assim que o Sr. Bolseiro volta, renovado, pronto para viver uma nova vida.

3.1 O PAPEL DOS DESAFIOS NO DESPERTAR ESPÍRITO AVENTUREIRO DO HOBBIT

Os desafios enfrentados pelo personagem, desde a saída de sua terra até a Montanha Solitária, o fizeram amadurecer e despertaram seu lado aventureiro que até então estava adormecido. Para Olsen (2012), há três momentos decisivos para a jornada do hobbit que o transformaram: o primeiro é o momento nos túneis dos gobelins, em que Bilbo encontra o anel de invisibilidade, que o ajuda construir boa parte de sua reputação diante dos anões; o segundo é em Treamata, quando ele enfrenta as aranhas gigantes e salva seus amigos da morte, e o terceiro é quando Bilbo adentra a morada do dragão e o enfrenta. Um quarto momento pode ser somado a estes, que é quando o Sr. Bolseiro, astutamente, liberta seus companheiros, e a si mesmo, das masmorras do Rei Élfico.

Vale ressaltar que antes mesmo de todos esses eventos, Bilbo já demonstrava interesse por aventuras, mesmo que reprimisse isso em honra a sua reputação. Esses momentos podem ser percebidos em vários episódios do primeiro capítulo. O primeiro deles é quando Gandalf aparece procurando o décimo quarto membro para participar da aventura. Ao falar sobre as missões por ele empreendidas, no tempo de seu pai, Bilbo parece bastante empolgado, referindo-se a esse período como “interessante”, embora nem chegasse a concluir a frase por medo do que poderiam pensar a seu respeito. Com isso, o narrador evidencia o que o leitor já pode perceber: “O Sr. Bolseiro não era tão banal quanto gostava de acreditar” (TOLKIEN, 2019, p.31). Esse lado aventureiro de Bilbo é justificado por ser filho de um Bolseiro, e uma Tûk; essa última espécie, mesmo sendo hobbit, gostava de envolver-se em missões aventureiras. Bilbo, portanto, era uma mistura dessas partes, mas tentava preservar o lado Bolseiro e reprimir o lado Tûk, já que morava sob a Colina, na vila dos hobbits, em que predominava-se a calma e o desinteresse por questões que fugissem do previsível. Em outras palavras, o Sr. Bolseiro temia perder sua reputação, uma das coisas que mais zelava em sua vida.

Outro momento que evidencia o interesse do hobbit por aventuras, é quando os anões estão contando as lendas de seu povo. Bilbo parece muito interessado e, segundo Tolkien (2019), seu lado Tûk, o fez imaginar olhando as grandes montanhas e explorando cavernas, usando uma espada ao invés de um cajado. O fato de nesse momento se imaginar portando uma espada ao invés de um cajado, já significava muito para alguém que repudiava aventuras. Além disso, ficou muito ofendido ao ouvir que não parecia um

aventureiro, mas sim o dono de mercearia. O pequeno Bolseiro sentiu necessidade de provar que era capaz de realizar qualquer missão que fosse dada a ele: “digam-me o que querem que eu faça, e vou tentar, mesmo se tiver de andar daqui até o Leste do Leste e lutar com as Grã-serpes Selvagens no último deserto.” (TOLKIEN, 2019, p.44). De fato, o pouco caso feito pelos anões a respeito de sua aparência despertou o lado Tûk do hobbit. Na verdade, neste momento teve seu ego afetado e quis mostrar seu lado valente, ainda que isso estivesse apenas na teoria.

Após compreender a predisposição do hobbit a aventuras, influenciada por sua origem, pode-se abordar os pontos decisivos que ajudaram o herói a despertar o lado aventureiro que estava adormecido até então. O primeiro momento indicado por Olsen (2012) é nos túneis dos gobelins, quando Bilbo encontra o anel de invisibilidade que o acompanha no restante da jornada. Eis como tudo aconteceu:

Sua cabeça estava girando, e ele estava muito longe de ter certeza até mesmo da direção em que estavam indo quando levou o tombo. Tentou adivinhar da melhor maneira que podia e rastejou adiante por um bom pedaço, até que de repente sua mão topou com o que parecia ser um minúsculo anel de metal frio, caído no chão do túnel. (TOLKIEN, 2019, p. 94)

No momento em que Bilbo encontra o anel ele não compreende o que é e nem a importância de que tem o objeto, só descobre alguns momentos depois, quando o coloca acidentalmente no dedo e percebe a mágica acontecer; todavia, este é considerado um momento decisivo porque permite que o hobbit realize grandes façanhas durante a jornada. Segundo Olsen (2012), esse momento também é importante num sentido pessoal, pois é a primeira vez que Bilbo encontra-se sozinho e precisa salvar-se por seus próprios meios. O autor faz o contraste deste momento com o vivenciado alguns dias antes na toca hobbit:

O Sr. Bolseiro que sofreu um colapso agitando-se por temor à mera menção da possibilidade de perigo para si, agora se vê, poucas semanas depois, obrigado a achar seu caminho para o outro lado das Montanhas Nebulosas através da rede complexa de túneis dos gobelins sanguíneos que o estão caçando, sem comida, água ou fonte de luz. Naquele momento, Bilbo deve se tornar um aventureiro real ou morrer. (OLSEN, 2012, p.167)

Nessa ocasião, Bilbo usa pela primeira vez a espada encontrada nas cavernas dos trols, no capítulo dois para enfrentar Gollum, mas não chegou a usá-la. Estar com uma

espada, ainda que não a tenha usado, concretiza os vislumbres sobre a aventura, que teve ainda em sua toca, acerca de trocar seu cajado por algo mais típico de um aventureiro. Nos túneis escuros e diante de uma criatura asquerosa, teve que manter a calma e ser corajoso. A partir desse momento seu lado aventureiro começa a emergir de forma concreta, pois antes ocorria somente na teoria e imaginação do personagem.

Além de corajoso, Bilbo foi muito astuto e ágil durante o jogo de adivinhas com Gollum; conseguiu vencer o jogo e escapar dos túneis enganando a criatura. Tudo isso o deixou muito mais confiante, refletindo em seu primeiro encontro com os anões após a luta e saída da morada dos gobelins. Seus companheiros, é claro, achavam que ele tinha morrido, mas ainda discutiam, com muita insatisfação, um retorno até o local para tentar um resgate. Não foi necessário, pois o Sr. Bolseiro deu conta do recado e “deixou de ser vítima passiva de sua aventura e adotou sua nova vida” (OLSEN, 2012, p.192). Enquanto os anões viam a possibilidade de voltar aos túneis para resgatar o hobbit como um grande fardo, ele, por sua vez, antes de saber que seus companheiros estavam em segurança, pensava diferente acerca de voltar ao local de perigo: “ficava pensando se não deveria voltar para aqueles túneis tão horríveis e procurar seus amigos, agora que tinha o anel mágico. Acabara de decidir que isso era seu dever, que precisava dar meia volta” (TOLKIEN, 2019, p.116). E, de fato, ele teria voltado, caso não tivesse encontrado os anões em meio àquelas terras desconhecidas, e isso evidencia mais um passo em sua transformação.

Nesse primeiro momento, já é possível observar uma mudança no personagem, no entanto, isso ainda era muito superficial, ainda havia muito caminho a ser percorrido até se transformar em um aventureiro real. Após o momento de adrenalina vivido por seu lado Tûk, o lado Bolseiro retorna, com suas preocupações rotineiras; um exemplo disso é quando, passado o momento crítico com os gobelins, pensava nos botões de seu colete que foram deixados para traz ao esgueira-se pelo portão de saída dos túneis.

Mais adiante, na narrativa, quando a companhia de anões, Bilbo e Gandalf são resgatados pelo Senhor das águias, do ataque dos wargs e gobelins, Bilbo dorme e sonha com sua rotina em sua terra; estava pronto para um belo banho e café da manhã, mas acorda e percebe que não está em casa. Olsen (2012) considera que:

Nesse sonho podemos ver um indício de como a vida de aventuras de Bilbo está começando a muda-lo. Embora seu lado Tûk tenha alcançado muita prática, seu lado Bolseiro sempre esteve presente, continuamente amoldando sua perspectiva e suas reações. Nesse sonho estranho, obtemos a primeira sugestão de que o lado Bolseiro está sendo

influenciado e alterado. Bilbo pode aparentar que não é tocado pelo ambiente do Ermo, fechando os olhos para sua sublimidade e desejando apenas seu mundo seguro e pacato, mas o sonho sugere que seu relacionamento com aquele mundo doméstico está mudando. (OLSEN 2012, p. 229)

A narrativa destaca que o hobbit não conseguiu encontrar nada do que procurava no sonho, “nem chá, nem torrada, nem bacon para o seu café da manhã” (TOLKIEN,2019, p.136) e isso aponta o início de uma mudança no personagem, pois ao perceber que não pode encontrar ali nenhum daqueles elementos, conforma-se com o que lhe é oferecido.

O segundo momento decisivo apontado por Olsen (2012) é quando Bilbo enfrenta as aranhas gigantes em Trevamata e salva seus companheiros de suas teias venenosas. O episódio com as aranhas iniciou da seguinte forma:

Bilbo estava imerso em pensamentos a respeito de bacon e ovos e torradas e manteiga quando sentiu algo a tocá-lo. Algo semelhante a uma corta forte e grudenta estava encostando na sua mão esquerda e, quando ele tentou se mexer, descobriu que suas pernas já estavam embrulhadas no mesmo material, de modo que, ficar de pé, levou um tombo. (TOLKIEN, 2019, p.178)

Bilbo havia se perdido de seus companheiros e aranha tentava envenená-lo; nesse momento, ele lembrou de sua espada e começou a atacar sua predadora; a aranha “não estava acostumada a coisas que carregavam tais ferrões a seu lado, ou teria fugido mais rápido” (TOLKIEN, 2019, p.178). Bilbo também não estava acostumado a manusear espadas, pois a primeira vez que teve essa oportunidade de usá-la foi quando estava com Gollum, nos túneis dos gobelins, mas, por piedade, não fez uso da ferramenta. Com as aranhas a situação era diferente, pois sua vida dependia disso, e ele, pela primeira vez, a usou.

Esse momento é decisivo pois a própria narrativa destaca que ter matado a aranha sozinho, no escuro da floresta sem ajuda de qualquer outra pessoa, fez grande diferença para Bilbo; se antes, após o episódio nos túneis dos gobelins, se sentia forte e corajoso, esse sentimento agora se intensificou. Após isso resgatou seus amigos com a ajuda de sua espada e com isso, mudou completamente a visão dos anões a seu respeito:

Agora, sem dúvida, ninguém confundiria Bilbo com um dono de mercearia. Quando Gandalf recrutou um décimo quarto membro para o grupo de anões, acabou se contentando com um ladrão, quando, em condições ideais, teria preferido um guerreiro ou até mesmo um herói. Naquele momento, parece que ele acabou conseguindo o pacote completo. (OLSEN,2012, p.265)

Gandalf não estava presente quando Bilbo era reverenciado pelos anões, exceto Thorin, pois havia sido sequestrado pelos Elfos-da-floresta, mas certamente, se o mago estivesse presente, reenfatizaria o motivo da escolha do Sr. Bolseiro como décimo quarto membro da expedição; ele era o que mais acreditava no potencial de Bilbo, desde o princípio, quando era apenas um hobbit assustado com a ideia de participar de aventuras.

Agora os anões, mesmo sem perceber a ausência de Thorin, tratavam Bilbo como um líder e “elogiaram-no tanto que ele começou a sentir que realmente havia algo de aventureiro e ousado em si mesmo, afinal, embora pudesse se sentir bem mais ousado se houvesse algo para comer” (TOLKIEN, 2019, p.188). Embora seu lado Tûk estivesse ativo, o Bolseiro estava sempre presente, lembrando-se das boas refeições e do aconchego da toca hobbit, que se encontravam tão distantes.

Após esse episódio, os anões são capturados pelos Elfos-da-floresta, que rondavam por Trevamata e pensavam ter encontrado inimigos. O hobbit consegue escapar ao usar seu anel de invisibilidade. Esse é mais um ponto decisivo, que não é citado por Olsen (2012), mas é muito importante para construção da trajetória do personagem, pois mais uma vez, ele age sozinho para salvar a si e a seus companheiros de missão.

No capítulo nove, intitulado “Barris desabalados”, há a descrição de como tudo aconteceu: “eis que saltaram à frente os Elfos-da-floresta, com seus arcos e suas lanças, e ordenaram que os anões parassem” (TOLKIEN, 2019, p.193). Como já citado, não capturaram Bilbo, pois ele estava invisível com o poder do anel. Ele conseguiu adentrar o palácio do Rei élfico e por lá ficou rondando por alguns dias. Nesse período encontrou e se comunicou com os anões. Thorin, que não havia presenciado o episódio com as aranhas, quando ouviu a voz do hobbit ficou animado e logo tratou de enviar uma mensagem a seus liderados, pedindo-os que não falassem nada, acerca da missão, aos elfos.

Todos estavam com os ânimos renovados, exceto Bilbo, que estava cansado e sentia falta de Gandalf para resolver as questões complexas que surgiam. Ele também sabia que estavam presos no palácio e sem perspectiva de uma saída, já que a única que conhecia levava de volta à Trevamata. Voltar à floresta, definitivamente, não era uma opção para ele. A missão de encontrar uma solução para aquele problema, estava novamente em suas mãos. Por sorte, Bilbo descobriu outra saída, através dos portões das masmorras, por onde chegavam os suplementos para o castelo através do Rio Rápido, vindos da Cidade do Lago. Então, aproveitando a distração dos guardas do local, libertou

os anões e partiu para a execução do plano que havia acabado de criar. O plano era que todos entrassem em barris para serem lançados rio abaixo, sem que fossem vistos:

Doze anões foram embalados {...} Bilbo havia feito o que pôde para fechar buracos nas laterais dos barris, e para arrumar todas as tampas com tanta segurança quanto era viável, e agora tinha ficado sozinho de novo, correndo de lá para cá para dar os toques finais ao empacotamento, e esperando, contra toda a esperança, que seu plano desse certo. (TOLKIEN, 2019, p.203)

É interessante observar que em todos os momentos decisivos, em que Bilbo precisa demonstrar força e coragem, ele está sozinho. É como um movimento particular, em que terceiros afastam-se para que o processo que gera a mudança ocorra. Em resumo, o plano é bem-sucedido e chegam todos vivos à Cidade do Lago, que localiza-se próximo ao objetivo final, a Montanha Solitária.

O último momento decisivo proposto do Olsen (2012) é quando Bilbo vai ao encontro de Smaug. Ele adentra o túnel que leva até o covil do dragão e quando aproxima-se começa a sentir a presença da fera:

Conforme avançava, o brilho ia crescendo e crescendo, até que não havia mais dúvida a respeito. Uma luz vermelha, que ia ficando cada vez mais e mais vermelha. Além disso, agora estava indubitavelmente quente no túnel {...} um som também começou a ecoar em seus ouvidos, uma espécie de borbulhar, como o barulho de uma panela grande fervendo no fogo, misturado com um tremor, como de um gato gigante ronronando. O som foi crescendo até se tornar o barulho inconfundível vindo da garganta de algum vasto animal roncando em seu sono, lá embaixo, em meio ao brilho vermelho diante dele. (TOLKIEN, 2019, p.238)

O narrador ainda destaca que: “Seguir em frente depois disso foi a coisa mais corajosa que Bilbo já fez {...} Ele enfrentou a batalha verdadeira sozinha, no túnel, antes que chegasse a ver os vastos perigos que estava à espera” (TOLKIEN, 2019, p.238). Nesse episódio, mais uma vez, ele está sozinho, pois os anões estavam com medo de ir até a morada do dragão. Sobre isso, Olsen (2012) pontua:

O último momento decisivo de Bilbo o move rumo ao casamento final dos dois lados de sua natureza, a mistura derradeira de Tûk e Bolseiro, de poesia e prosa, que dá a Bilbo a força e a base firme que possibilita seus feitos notáveis nessa última fase de sua história. (OLSEN, 2012, p.314)

Percebe-se que todos esses momentos importantes para a trajetória do herói não separam suas naturezas, ao contrário disso, as une. O lado Bolseiro e o Tûk, que antes

disputavam espaço dentro do hobbit, agora unem-se em uma perfeita harmonia e isso reflete nos próximos passos da jornada.

Um dos principais feitos realizados por Bilbo é a descoberta do ponto fraco de Smaug. Ele descobre isso através de uma conversa, o que levou, mais tarde, à sua morte do dragão. A princípio, o leitor pode imaginar que o Sr. Bolseiro será o grande benfeitor que mata Smaug, o responsável por restituir a paz nas terras da Montanha Solitária, afinal, ele é o herói da narrativa; no entanto, esse mesmo leitor pode ser surpreendido ao saber que o dragão é morto por um personagem que surge nos últimos capítulos da obra. O responsável pelo grande feito é Bard, morador da Cidade do Lago, que com uma flecha, atinge o peito da fera e o leva à morte. O dragão não foi morto pelo hobbit, todavia a informação de como matá-lo foi conseguida por ele, e levada a Bard pelo tordo mágico. Assim, ainda que indiretamente, Bilbo merece crédito por esse grande feito. Sobre essa ajuda que o herói recebe em executar a principal e mais difícil missão, Vogler (1998) destaca:

Parece óbvio que quem tem de agir nesse especial momento de clímax, é o herói. Mas muitos escritores cometem o erro de fazer com que o herói seja, então, salvo da morte pela oportuna intervenção de um aliado {...} os heróis podem receber um auxílio surpreendente, mas é melhor para o herói que a ação decisiva seja realizada por ele. (VOGLER, 1998, 123)

Seria muito interessante a história de como um Bolseiro, com coragem e ousadia derrotou um dragão que há séculos aterrorizava o povo da proximidade de sua morada; todavia, parece de interesse do autor manter seu herói apenas como contribuinte nesse feito. Embora Bilbo já tivesse usado sua espada mais de uma vez, lutar ainda não era uma habilidade bem desenvolvida por ele. Era muito bom com planos e bastante observador, por isso contribuiu com suas descobertas acerca do dragão. É possível perceber que Tolkien tentou preservar os limites de seu personagem, buscando ser fiel àquilo que evidenciou desde o início da narrativa: o hobbit agia com a razão, e embora tivesse um lado aventureiro, seu lado reservado também estava sempre presente. Bilbo conseguiu matar aranhas, mas diante de Gollum teve misericórdia, esse parecia ser seu limite.

Após a Batalha dos cinco exércitos, chega o momento de Bilbo voltar para casa: “E assim vem a neve depois do fogo, e até dragões têm seu fim! - disse Bilbo, e deu as costas à sua aventura. A parte Tûk dele estava ficando cansada, e a parte Bolseiro se tornava mais forte a cada dia” (TOLKIEN, 2019, p. 314). Quanto mais se aproximava de seu lar, mais sentia necessidade de descanso, como se o clima de relaxamento tomasse

conta de seu corpo e o lado Bolseiro tomasse seu lugar de direito. Olsen (2012) destaca que:

O fato de Bilbo preferir sua vida sossegada do passado não significa que ele não mudou. Suas memórias tristonhas do seu lar distante e das comodidades de sua vida anterior são agora permeadas por suas experiências tûkinianas. {...} seu desejo de retornar a sua toca não é mais mero escapismo, uma tentativa de evitar ou negar a dura e nova realidade ao seu redor. Agora, ele reconhece Fundo do Saco por aquilo que realmente é: um paraíso de calor, luz, repouso, paz e satisfação. Sua natureza Bolseiro, permeada e temperada por suas experiências tûkinianas, ganhou nova agudeza, maturidade e autoconsciência. (OLSEN, 2012, p.294)

Com base nisso, é possível dizer que o Bilbo pensa em sua terra como um lugar de descanso, e não mais como um lugar para esconder-se de aventuras. Havia gastado muita energia com seu lado Tûk e precisava agora repô-la, cedendo espaço ao lado Bolseiro. No fim das contas Bilbo deu conta da missão a ele concedida, mas também, segundo Olsen (2012), admitiu que nunca se sentiu como um verdadeiro ladrão e com seu modelo de jornada estabeleceu uma nova modalidade na profissão a ele concedida: o ladrão honesto; esse é um título que tem tudo a ver com Bilbo e sua personalidade.

Quando Bilbo retorna para casa, já não é mais o mesmo, e isso é um fato, visto que, não só ele consegue perceber a mudança, mas todos à sua volta. Gandalf evidencia essa percepção no seguinte trecho: “meu caro Bilbo, disse, alguma coisa aconteceu com você! Não é mais o hobbit que um dia foi” (TOLKIEN, 2019, p.320). Os vizinhos e familiares do hobbit também percebem essa mudança e isso não era algo que consideravam positivo:

De fato, Bilbo descobriu que tinha perdido mais do que as colheres, tinha perdido sua reputação. É verdade que, pelo resto da vida, como amigo dos elfos, e era honrado por anões, magos e toda a gente desse tipo que passava por aquele lado; mas não era mais exatamente respeitável. (TOLKIEN, 2019, p.321)

O respeito em meio a seu povo, que baseava-se em estar de acordo com os padrões de vida tranquila da Colina, havia sido perdido; todavia, o que antes seria um grande problema para Bilbo, tornou-se insignificante, graças à mudança que a jornada lhe proporcionou. No final das contas, ele não importava-se em ser considerado “amigo de elfos”, ou de anões. Apesar de ter sido uma experiência extremamente cansativa e desafiadora, o hobbit parecia não possuir nenhum arrependimento.

Sobre essa mudança após a jornada, Campbell (2007) pontua:

Em todos os lugares, pouco importando a esfera de interesse (religioso, político ou pessoal), os atos verdadeiramente criadores são representados como atos gerados por alguma espécie de morte para o mundo; e aquilo que acontece no intervalo durante o qual o herói deixa de existir, necessário para que volte renascido, grandioso e pleno de poder criador, também recebe da humanidade um relato unânime. (CAMPBELL, 2007, p.40)

De fato, Bilbo Bolseiro renasceu, e isso lhe rendeu um grande aprendizado que pôde levar para sua vida no mundo comum. Mas, obviamente, ele não ocasionou mudança em seu povo, e nem possuía essa pretensão, pois sabia que não era possível convence-los com palavras acerca do que precisou sentir na própria pele para aprender.

O encontro com os trolls, o episódio com os gobelins e Gollum, o enfrentamento dos wargs, a batalha com as aranhas de Trevamata, a passagem pelas masmorras do Rei élfico, o enfrentamento de Smaug e a batalha dos cinco exércitos foram algumas das aventuras significativas da grande missão de Bilbo. Esses desafios aguçaram a natureza Tûk de Bilbo e despertaram seu espírito aventureiro, que ainda não havia tido a oportunidade de manifestar-se plenamente no mundo comum. Foi necessário a saída do lugar confortável onde estava para que seu lado aventureiro se manifestasse sem ser, instantaneamente repreendido.

No fim da jornada, Bilbo continuava a amar o comodismo de sua toca, mas agora não odiava aventuras. Ele conseguiu unir suas duas naturezas que antes disputavam espaço em seu interior; entendeu que quando separadas essas partes não funcionam muito bem, pois “por si mesmo, seu lado Tûk se revela como precipitação e arrogância. Deixando em si mesmo, seu lado Bolseiro o leva para preguiça e timidez” (OLSEN, 2012, p. 390). O hobbit compreendeu que não havia lado bom ou mau, mas sim naturezas diferentes que não podiam ser separadas dele. Quando essas duas partes unem-se gera o equilíbrio, aparecendo a coragem do lado Tûk e a sabedoria do Bolseiro, a combinação perfeita para conseguir viver tranquilamente entre os dois mundos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A jornada do herói, independentemente de sua época, possui elementos semelhantes, e isso ocorre graças ao mito, que está presente dentro de todas as culturas e sociedades. O mito, conforme foi apresentado no decorrer deste trabalho, está presente em todas as narrativas, e é como um padrão universal que gera identificação por fazer parte do imaginário humano. O mitologista americano Joseph Campbell, interessado neste assunto, reuniu no livro *O herói de mil faces*, as mais diversas histórias para comprovar a teoria de que os heróis de todas as narrativas seguem um percurso semelhante, sofrendo apenas algumas alterações de acordo com sua época; com isso, abriu portas para o estudo acerca da jornada do herói, ou monomito, como define em sua obra.

Bilbo Bolseiro, foco deste trabalho, é um herói que possui medos, fraquezas e também virtudes, elementos que são explorados durante a narrativa. O personagem passa por diversas situações que exigem coragem e sabedoria, e esses momentos aos poucos, vão fazendo emergir uma parte de sua personalidade que há tempos lutava por espaço: a parte aventureira, ou Tûkiniana, como é definida na história. Com isso, este trabalho buscou compreender as implicações dos desafios enfrentados na mudança do herói, que antes de participar da aventura junto aos treze anões e ao mago Gandalf, prezava pelo comodismo de sua toca e repudiava aventuras.

A partir da leitura do romance *O Hobbit*, de Tokien (2019), do qual Bilbo é protagonista, e da aplicação da teoria de Campbell (2007) à obra, foi possível perceber que os desafios enfrentados pelo herói durante a jornada rumo a Montanha Solitária, desempenhou um papel fundamental para sua mudança, levando-o a aprender conciliar sua natureza aventureira, representada pelo lado Tûk, e a natureza que prezava por comodidade e tranquilidade, representada pelo lado Bolseiro.

Este trabalho contribui para a área da literatura infantojuvenil, para os estudos acerca do herói, do mito, e da jornada heroica. Além disso, possibilitou a aplicação da teoria de Campbell (2007) a uma obra que possui as etapas da jornada do herói tão bem delineadas em sua estrutura, que é *O Hobbit*. Além disso, essa obra e estudo contribui com a formação de crianças e jovens, que assim como o personagem Bilbo Bolseiro, passam por mudanças que exigem a saída da zona de conforto e enfrentamento de situações desafiadoras.

Com isso, pode-se concluir que o herói Bilbo Bolseiro, antes dividido entre a personalidade Tûk, que buscava aventuras, e a Bolseiro, que prezava por tranquilidade, aprendeu a concilia-las, e isso só foi possível graças aos desafios enfrentados na jornada que percorreu. O Sr. Bolseiro conseguiu encontrar o equilíbrio entre as duas partes que antes disputavam espaço. No fim de tudo, ele não importou-se em “atrasar-se para o jantar”, e permitiu ao leitor testemunhar o despertar de seu espírito aventureiro.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil brasileira: ensaio de preliminares para sua história e suas fontes.** São Paulo: Melhoramentos, 1968.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces.** Tradução: Adail Ubirajara Sobral. Pensamento, 2007.
- CAMPBELL, Joseph, et al. **O poder do mito.** Palas Athena, 1990.
- CARVALHO, Diógenes Buenos Aires de. **A adaptação literária para crianças e jovens: Robinson Crusoe no Brasil.** Editora CRV, 2015.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria e análise didática.** 1.ed. São Paulo: Moderna, 2000.
- JUNG, Carl Gustav. **Os arquétipos do inconsciente coletivo.** Petrópolis-RJ: Vozes, 2016. Não paginado.
- JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos.** Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1964.
- KOTHE, Flávio R. **O Herói.** 2o ed. São Paulo: Ática, 2000.
- MARTINS, M. A. S. R. **A odisseia de Ulisses: o homem e o mito.** Bauru-SP: FAAC-UNESP.
- OLSEN, Corey. **Explorando o universo do Hobbit.** Tradução: Carlos Azalak. São Paulo: Lafonte, 2012.
- SILVA, A.M.M; LEITE, F.E.G. **A Construção da identidade do herói moderno em “As cores da bolinha da morte” de Ignácio de Loyola Brandão.** Moara, 2011, pp. 227–250. Disponível em: <<https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/3574>>. Último acesso em: 18 de julho de 2023.
- TOLKIEN, J. R. R. **O Hobbit: ou lá e de volta outra vez.** Organização e tradução Reinado José Lopes. 1.ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.
- TOLKIEN. J.R.R. **O Senhor dos anéis: A sociedade do anel.** Tradução: Lenita Maria Rimoli Esteves. São Paulo: Martins fontes, 2011.
- VOGLER, Christopher. **A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1998.
- VASCONCELOS, P.S.D. **Mitos gregos.** São Paulo: Objetivo, 1998.